

AUTO-OBSERVAÇÃO: MELHOR EXECUÇÃO? MAIS EVOLUÇÃO? MAIS SUPERVISÃO. UMA EXPERIÊNCIA DE SUPERVISÃO¹

Maria Isabel Antunes de Sousa Lezón
Universidade do Minho – Braga – Portugal
lezonisabel@sapo.pt

Introdução

Esta comunicação procura por em evidência algumas das conclusões de uma experiência de supervisão levada a cabo no ano lectivo de 2008/ 2009, em contexto de estágio pedagógico, na qual participaram três estagiárias do 5º ano da licenciatura de Ensino de Português-Inglês, a supervisora de Inglês, enquanto formadora, e, indirectamente, os alunos das turmas de regência, nomeadamente do 7º e 9º anos de escolaridade. A supervisora da Universidade esteve, ainda, envolvida uma vez que corroborou o recurso ao instrumento de observação, tendo-o aplicado nas aulas por si observadas. Desta forma, foi possível triangular registos exarados por todos intervenientes, conferindo à experiência maior intersubjectividade.

A experiência de supervisão desenvolveu-se em torno do tema central da promoção de estratégias de auto-observação no sentido de confirmar ou infirmar a relação entre a evolução das estagiárias e a promoção planeada das mesmas. Nesse sentido, foi-lhe dado o título de “**Auto-Observação: Melhor Execução? Mais Evolução? Mais SuperVisão²?**”, pois implicou a planificação, implementação e avaliação, bem como a indagação crítica de um plano de formação centrado, entre outras competências, na promoção de estratégias de auto-observação da acção pedagógica das estagiárias.

1. Objectivos

Pretendeu-se com esta experiência de supervisão potenciar aprendizagens e técnicas de observação, mais propriamente de auto-observação de forma a melhor compreender e interpretar as práticas pedagógicas, promover o desenvolvimento de uma linguagem profissional/metalinguagem, bem como impulsionar um posicionamento reflexivo crítico face ao processo de formação.

¹ Texto inserido no projecto de investigação “Formação, Supervisão e Pedagogia: compreender e transformar contextos profissionais” financiado pelo CIED da Universidade do Minho.

² Adopta-se a grafia proposta por Glickman, Gordon e Ross-Gordon (2004), por se perfilhar de uma perspectiva colegial, indagatória e transformadora do conceito: “(...) SuperVision, a term that denotes a common vision of what teaching and learning can and should be, developed collaboratively by formally designated supervisors, teachers, and other members of school community.” (citado por Vieira, 2006: 6)

A implementação da experiência pressupõe a análise e o desenvolvimento de instrumentos e estratégias de supervisão, bem como a promoção de um posicionamento reflexivo crítico e indagatório face às práticas de supervisão e, conseqüentemente, de ensino. Acresce que à sua concretização subjaz a identificação de necessidades específicas de um núcleo de estágio, em especial no que se refere ao aprofundar de técnicas de observação de pares e de auto-observação e do desenvolvimento pró-activo e crítico dos seus elementos no sentido do seu desenvolvimento profissional, da transformação do pensamento e da acção e da melhoria das práticas de ensino. De facto, e ainda que se trate de uma experiência de supervisão em contexto específico da formação inicial de professores, ela não se pode desgarrar das práticas de ensino, enquanto fim último da actividade supervisiva. Se, como refere Vieira (1993a: 63), “observa-se para *ver* (descrever, interpretar, compreender) o que acontece, e eventualmente para mudar o estado das coisas observadas”, então assume-se a relação intrínseca entre a vertente da prática pedagógica e a dos alunos. Por isso, cita-se ainda Wajnryb (1992): “(...) *[T]he development of the skills of observing is integral to the processes of professional decision-making in which teachers are constantly involved.*”

A implementação desta experiência decorre da constatação, após a primeira experiência de leccionação das estagiárias com as turmas de regência, da insatisfação manifestada por estas no que diz respeito à necessidade de desenvolverem uma linguagem mais profissional ao nível da (auto)observação e análise de aulas, de aumentarem o nível da reflexividade dos seus registos escritos e de tomarem consciência dos aspectos centrais à acção pedagógica, de modo a potenciarem o seu nível reflexivo, crítico e emancipatório.

Por sua vez, à supervisora da escola foi possível verificar que, em geral, existiam aspectos comuns na qualidade da acção pedagógica que careciam de análise mais específica, em seminário. De facto, a formadora foi verificando, fruto da escassa experiência de leccionação das formandas, problemas ao nível da qualidade das instruções aos alunos, do envolvimento dos alunos nas tarefas, nomeadamente na amplitude e diversidade do *feedback*, no recurso quer à Língua Materna quer à Língua Alvo. Tornava-se, pois, mais premente a planificação mais consciente e sistemática de estratégias que apontassem para a promoção da auto-observação, de forma a potenciar também uma evolução mais rápida, num modelo de estágio que peca pelas escassas possibilidades ao nível da execução.

Em consequência tentou-se dar resposta às seguintes questões de investigação: Será que o incentivo a estratégias de auto-observação com recurso a um instrumento de observação focalizada tem repercussões no desempenho das estagiárias em contexto de prática pedagógica e na evolução célere ao nível do desenvolvimento de capacidades de gestão da aula? Será que a utilização do instrumento de forma sistemática e planeada permite o fomento de competências

de auto-supervisão, enquanto auto-regulação das práticas pedagógicas? Será que a promoção planeada de estratégias de auto-observação potenciam a evolução mais consciente e, conseqüentemente, mais célere e sistemática dos estagiários em termos de *reflexão sobre a acção*? Será que a promoção de estratégias de auto-observação centradas em aspectos nucleares da acção pedagógica é passível de promover ainda a *reflexão na acção* e, conseqüentemente, aumentar o sucesso da execução e o auto-conceito das estagiárias?

2. Metodologia

A experiência foi proposta pela supervisora da escola, depois de fazer o diagnóstico das dificuldades mais visíveis das estagiárias e de aferir as suas prioridades formativas. Decorreu no espaço de tempo entre o fim da primeira experiência de leccionação, isto é, fim de um ciclo de supervisão clínica (regência 0) e o fim de dois ciclos de supervisão, de acordo com a calendarização seguinte:

ACTIVIDADES DE FORMAÇÃO	MOMENTOS/ FASES						
	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.º	Abr.	Maiº
1. Diagnóstico das necessidades de formação							
2. Apresentação e análise do programa de formação e do instrumento de observação, em particular.							
3. Experimentação do instrumento de auto-observação (fase pré-observação e observação).							
4. Reflexão sobre o processo (pós-observação, incluindo reflexão escrita).							
5. Avaliação da implementação da experiência.							

A metodologia adoptada cumpriu finalidades de tipo descritivo e interpretativo, tendo-se utilizado métodos de recolha e análise da informação de tipo qualitativo, pelo recurso às seguintes fontes de informação: grelha de observação focalizada, anotações resultantes da observação de aulas (feitas pelas estagiárias e pelas supervisoras), actas de seminários de pós-observação, reflexões individuais das estagiárias, quer a nível oral, quer principalmente a nível escrito. Esta informação constituiu, de facto, fonte primária de evidência para avaliação da experiência. Foi privilegiada a análise de conteúdo da informação recolhida.

A experiência pressupôs a participação de todos os elementos de grupo num processo de auto-avaliação das suas teorias e práticas, de des/reconstrução de percepções sobre o acto de observar e dos aspectos subjacentes a uma aula de língua estrangeira com o objectivo da sua análise crítica e emancipatória.

2.1. Descrição da implementação da experiência de supervisão

O plano de acção da experiência inscreve-se num programa restrito de formação em observação, em especial em auto-observação pelo recurso a um instrumento específico de observação focalizada, tal como se apresenta em anexo 1. A decisão para a sua implementação decorre, como já foi mencionado, do diagnóstico realizado pela supervisora e triangulado com a percepção de insatisfação manifestada pelas estagiárias quanto aos aspectos centrais à sua acção pedagógica passíveis de serem valorizados no momento da observação pelo supervisor e/ ou pelos pares. Além disso, vai de encontro à determinação expressa pelas estagiárias no sentido aprofundarem o nível reflexivo das suas reflexões escritas subsequentes à análise de aulas e a criticidade no momento posterior à acção de forma a potenciar os seus efeitos na acção pedagógica.

Na fase de apresentação do instrumento de observação, foi realizado um seminário com as estagiárias onde se procedeu à desconstrução das concepções destas relativas aos factores e/ ou aspectos inerentes ao conceito do que constitui uma “boa aula³” de língua estrangeira. O objectivo deste procedimento foi permitir a reconstrução dessas concepções e, simultaneamente, desenvolver uma postura reflexiva crítica no que diz respeito aos processos de auto-formação e auto-observação. Como refere Vieira (2006: 18), o desenvolvimento da reflexividade do professor em formação, concebido como um “intelectual crítico e agente de mudança”, pressupõe a necessidade de se promover a democratização dos processos de construção do conhecimento profissional, “favorecendo-se a *autonomização* dos professores e rejeitando-se uma visão instrucional e aplicacionista da formação” (op.cit: 19).

Neste sentido procedeu-se à leitura e análise do instrumento de auto-observação proposto a fim de aferir diferentes leituras e interpretações dos seus parâmetros e indicadores. As estagiárias foram aconselhadas a realizarem uma análise do instrumento na fase anterior à acção, isto é, no momento pré-activo do ciclo de observação. Ao mesmo tempo foram também induzidas a integrarem o conhecimento suscitado pela leitura da grelha nos seus registos escritos resultantes da fase de pós-observação, ou seja, no momento de reflexão *sobre e para a acção*.

Ao longo de cerca de dois ciclos de supervisão, em espaço semanal de seminário a supervisora foi estimulando as estagiárias a não perderem de vista os parâmetros exarados pela grelha de auto-observação e foi obtendo *feedback* quanto à validade da mesma em termos de consecução dos objectivos de formação, nomeadamente aqueles que dizem respeito à necessidade de aprofundar competências ao nível da observação dos pares e auto-observação e de elevar os

³ Recordar-se que a necessidade de abordagem desta temática decorre da dúvida e da insatisfação expressa pelas estagiárias no sentido de melhorarem as suas práticas lectivas.

níveis de reflexão escrita sobre as aulas leccionadas, aliás objectivos constantes nos seus portefólios de formação, em particular, e no seu plano de formação⁴, em geral.

Durante esta fase foi possível perceber uma rápida evolução ao nível do conteúdo do discurso oral das estagiárias nos momentos de pós-observação, não apenas em termos de conceptualização da acção, como ao nível da profundidade e relevância da sua análise. Por outro lado, as estagiárias foram referindo ter em conta na execução das suas aulas de regência alguns dos aspectos da grelha de observação.

Finalmente, foi proposto às estagiárias uma pequena reflexão sobre a utilidade do instrumento, das vantagens e constrangimentos de seu uso para posterior partilha e discussão em espaço de seminário.

2.2. Instrumento de observação

A ficha de observação “Gestão da turma: Auto-avaliação” foi experimentada em contexto da Supervisão Pedagógica em Ensino de Português-Inglês no ano lectivo de 2008/2009, tendo sido implementada com um grupo de estágio composto por três estagiárias da Universidade do Minho, na disciplina de Inglês.

Constitui um instrumento de observação focalizada que, neste contexto, prevê um uso triplo. Por um lado, permite consciencializar os estagiários para aspectos centrais à sua acção pedagógica, num momento anterior à acção, ou seja, no momento de planificação das actividades lectivas, nomeadamente para efeitos de observação pelo supervisor e/ ou pelos pares. Por outro lado, pretende ajudar os estagiários a aprofundarem o seu nível reflexivo e a sua criticidade no momento posterior à acção, no sentido da indagação e problematização das suas opções e práticas pedagógicas. Desta forma, permite maximizar a fase de pós-observação do ciclo de supervisão clínica. Como refere Vieira (2006: 17), “[Revisitar] a experiência através de lentes críticas permite desocultar a existência de barreiras à mudança, explicar a sua origem e significado, analisar as suas implicações e, eventualmente, criar modos de acção alternativos.”

Acresce que a grelha facilita uma melhor visualização da evolução dos estagiários, possibilitando uma identificação mais inteligível dos aspectos da acção pedagógica que necessitam de maior investimento, por parte do observador e do observado. Pressupõe uma relação dialógica entre os intervenientes e a negociação de papéis e decisões (ibidem). Assim sendo, a ficha envolve a integração das teorias e práticas pessoais dos estagiários, mobilizando os conhecimentos e a experiência destes e fomentando a experimentação de forma analítica.

⁴ Num conjunto alargada de objectivos de formação, destaca-se, neste âmbito, adquirir e desenvolver competências no domínio dos métodos e técnicas relacionados com o processo de ensino/ aprendizagem; Mobilizar e aprofundar conhecimentos, capacidades e atitudes; Valorizar a auto direcção e a colaboração no desenvolvimento profissional.

Ainda que se trate de uma ficha de auto-observação com potencial ao nível da promoção da reflexividade e da auto-regulação, a ficha de observação promove a intersubjectividade e a negociação entre o formador e formando, numa visão democrática de educação e de formação.

A grelha identifica quatro parâmetros centrais da acção pedagógica, sendo eles *Contacto Visual/Atenção, Instruções, Envolvimento dos alunos nas tarefas e Uso da língua*. Cada parâmetro encontra-se subdividido em indicadores positivos distintos, através dos quais o observador e o professor observado reflectem sobre a ocorrência dos mesmos em momentos distintos ao longo de um período de tempo, numa proposta de escala que visa registar a ocorrência dos indicadores desta forma: ? (de uma maneira geral, sim), x (de uma maneira geral, não), ? (umas vezes sim, outras não).

Após cada aula leccionada, o elemento observado regista a data de observação, bem como aplica a escala acima referida, oferecendo-se, ainda, um espaço para registo de outros aspectos observados, bem como aspectos onde se verificou evolução. A grelha pressupõe também a anexação das reflexões pessoais sobre as aulas observadas.

Identificam-se como objectivos da grelha:

- a) Apresentar um conjunto de parâmetros e indicadores no sentido de uma melhor explicação e focalização da observação de aulas;
- b) Aprofundar técnicas de observação focalizada, de forma a promover a intersubjectividade e neutralizar as inferências;
- c) Permitir identificar áreas problemáticas e áreas de sucesso da acção do observado;
- d) Promover níveis elevados de criticidade e capacidades de auto-regulação.

Resumidamente, sugere-se a sua utilização em contexto de formação da seguinte forma: 1) Leitura crítica e colaborativa dos indicadores da grelha, de modo a confrontar concepções e leituras; 2) Leitura autónoma da grelha no momento anterior à leccionação de uma aula, ou seja, fase pro-activa do ciclo de supervisão clínica; 3) Preenchimento da ficha de observação após a acção, ou seja, fase pós-activa do ciclo de supervisão, em momentos distintos num determinado período de tempo; 4) Reflexão escrita sustentada (ainda que não exclusivamente) no conteúdo da grelha de observação, de forma a promover a reconstrução de teorias e práticas.

Em suma, a grelha “Gestão da turma: Auto-observação” foi experimentada, com resultados positivos, no contexto da formação das estagiárias de Inglês, durante um período equivalente à realização de dois ciclos de supervisão. Com efeito, a implementação desta experiência de supervisão surge para dar resposta às dificuldades expostas pelas estagiárias no sentido de aprofundarem os níveis de reflexividade dos seus registos escritos. Além disso, pretendiam tornar mais explícito o foco de observação, quer das suas aulas assistidas, quer das aulas observados pelos pares.

3. Análise dos resultados⁵

Nesta secção, a partir da análise da evidência, apresentam-se os resultados da experiência ao nível do seu impacto formativo na reconstrução das teorias e práticas das estagiárias, das suas consequências no aprofundamento de aprendizagens e técnicas no campo da (auto-)observação de aulas e com conseqüente reflexo numa postura reflexiva e crítica mais perspicaz.

Assim sendo, efectuou-se uma análise descritiva e interpretativa da informação recolhida com base primordial nas reflexões escritas das estagiárias decorrentes da acção pedagógica. É através da análise do discurso escrito das estagiárias que se pretende encontrar evidências que respondam às questões de investigação já enunciadas e aferir da concretização dos objectivos de formação estipulados pelas formandas neste âmbito. Como refere Moreira et al. (2006: 131), estuda-se o pensamento do professor para chegar à interpretação subjectiva da experiência vivida, mas também para clarificar a tomada de decisões e legitimar “o lugar da voz pessoal na clarificação da experiência” (ibidem).

Tendo em conta o objectivo relativo ao aperfeiçoamento de técnicas de observação de pares e de auto-observação foi possível detectar no discurso oral, nos momentos de análise de aulas de pares, e principalmente nos registos escritos das estagiárias⁶ evidências de aquisição de uma linguagem mais profissional e técnica, ou seja, de uma metalinguagem, bem como nítida evolução em termos de conceptualização da acção, ainda que em graus diversificados nas três estagiárias. De facto, um dos elementos do grupo destacou-se na apropriação de conceitos/metalinguagem próprios do contexto de supervisão, nomeadamente naqueles a que diz respeito a esta experiência. Recorda-se que a grelha de auto-observação implementada neste estudo focaliza-se na abordagem a aspectos considerados cruciais à acção pedagógica, a saber: *Contacto visual/ atenção, Instruções, Envolvimento dos alunos nas tarefas, e Uso da língua.*

Nesse sentido, em algumas das reflexões sobre as aulas leccionadas na turma do 7º ano, as estagiárias fazem referência à qualidade das instruções para a tarefa dadas aos alunos, tendo uma delas integrado estratégias de remediação de problemas:

“Quanto às instruções que forneci durante a aula, creio que foram claras e adequadas, sendo reformuladas sempre que necessário. Utilizei, ainda, várias estratégias de clarificação – reformulação, exemplos, recursos aos alunos que compreenderam e uso da Língua Materna.” (E1: 10/12/2008)

“Penso que as minhas instruções melhoraram um pouco, tentei ser clara e curta.(...) (E3: 23/01/2009)

⁵ Ainda que na experiência tivessem participado, indirectamente, as supervisoras da escola e da UM, permitindo triangular diferentes registos de todos os intervenientes, esta análise de dados centra-se nos registos reflexivos das estagiárias, por questões inerentes à natureza da experiência.

⁶ Por razões que se prendem com a garantia de anonimato das estagiárias, os excertos dos seus registos reflexivos constantes neste relato foram identificados com as siglas E1, E2, E3.

Mais tarde no processo formativo, uma estagiária reforça a percepção da aquisição e apropriação de competências de auto-observação e reitera a consciência da sua relevância para qualidade do ensino e das aprendizagens dos alunos na aula de Língua Estrangeira.

“Relativamente às instruções, considero que, na maioria dos casos, foram simples e claras, contendo a informação essencial. Também foram usadas algumas estratégias de clarificação, quando necessário, e reformulações das instruções. Por outro lado, acompanhei de perto as tarefas dos alunos, mostrando-me disponível e solícita, encorajando-os a usar o inglês, produzindo frases completas.” (E1: 06/01/2009)

Para além de pressupor a melhoria das práticas de ensino com reflexos positivos nas aprendizagens dos alunos, os relatórios escritos das estagiárias espelham o desenvolvimento de uma postura pró-activa e crítica face à prática, conjecturando a indagação mais profícua da acção no sentido da identificação de progressos, mas também problemas de aprendizagem no momento da execução:

“Em contraponto, há aspectos nos quais ainda não consegui o desempenho que pretendo, apesar de os identificar (sublinhado nosso), nomeadamente no que diz respeito ao alargamento de dúvidas individuais à turma e à escassa exploração das respostas dos alunos. Melhorar nestes aspectos tornará as aulas em algo mais do que respeitar um plano de aula, em realizar actividades sugeridas pela professora.” (E1: 06/01/2009)

“Continuo a ter uma certa dificuldade na reformulação das instruções e da informação dada pelos alunos.” (E3: 23/01/2009)

Mais relacionada com a *reflexão sobre a acção*, verifica-se a orientação do discurso reflexivo das estagiárias para a fundamentação da sua actuação com base na integração do saber documental, conjecturando uma ligação directa à análise e integração na prática dos parâmetros da ficha de auto-observação:

“Tentei, também, evitar exposições longas. Diversifiquei as tarefas dos alunos ao longo da aula e as formas de interacção na turma. Procurei envolver o máximo de alunos, mesmo aqueles que menos participam. Penso eu, a linguagem usada foi inteligível aos alunos. Tentei encorajar os alunos a usar o inglês. (E3: 23/01/2009)

“Para tentar ultrapassar esta situação, passarei a cronometrar mais rigorosamente o tempo concedido a cada actividade. Um outro ponto que pretendo melhorar é a concepção de exercícios que possibilitem a participação de cada um [dos alunos]. (...) Se há alguns que precisam de um exercício simples para poderem participar, terei de o criar para democratizar essa mesma participação.” (E1: 28/01/2009)

O impacto favorável da estratégia formativa é validado pela expressão de ganhos técnicos e experiências, ou seja, ao nível da aplicação mais célere, informada e consciente de pressupostos teóricos para a situação da prática, tal como salienta um dos elementos do grupo:

“Apesar de ainda identificar algumas “gralhas” que preciso de aperfeiçoar, denoto que melhorei alguns aspectos que já me foram apontados anteriormente. Nesta regência, em especial tive atenção: transmitir instruções claras e simples, incentivar o uso da língua inglesa, explorar os erros do quadro, partilhar as dúvidas individuais à turma, diversificar os papéis dos alunos – tornando-os mais activos na sala de aula, e criar uma aula com diferentes objectivos, não me centrando apenas numa estratégia.” (E2: 18/01/2009)

“Os aspectos que trabalhei para esta regência foram: uma melhor preparação e exploração do item gramatical e, ainda, uma melhor gestão de tempo. No que toca ao item gramatical, tentei pesquisar e estudar de uma forma mais completa, investigando até a melhor estratégia para que os alunos compreendessem esta matéria. (...) O aspecto que gostava de ter mudado nesta actividade foi precisamente o de não ter incentivado os alunos a repetir o vocabulário relativo às imagens. Assim, os alunos não só aprendiam o item gramatical, mas também aprendiam como pronunciar e escrever as palavras das imagens.” (E1:04/03/2009)

Por outro lado, o discurso das estagiárias reflecte a valorização do recurso ao instrumento de observação, ou seja, anuncia-se, de forma explícita, a sua utilidade enquanto instrumento passível de fomentar o auto-controle e auto-direcção sobre a prática profissional, realçando-se a sua finalidade formativa pela promoção da mudança a partir da análise da realidade e pela motivação para acções pedagógicas futuras (Vieira, 1993a: 76).

“O conhecimento e concepções do observador relativamente à realidade que observa, resultantes da interacção entre o conhecimento adquirido das leituras e do conhecimento adquirido da experimentação, permitem uma reflexão sobre estas e a reconstrução das teorias fazendo com que evoluamos enquanto professores. Agora uso, mentalmente, a mesma ficha de observação que utilizei com a Professora Isabel, quer com as minhas colegas, quer comigo mesmo. Assim, quando analiso as aulas das minhas colegas, sei identificar as estratégias mais apropriadas que elas têm vindo a usar e sei que consigo, também, observar melhor as aulas delas retirando das mesmas, aspectos para melhorar as minhas aulas. (E1: 25/05/2009)

“Realmente, esta ficha tem esse valor triplo. Na fase de planificação e preparação, despertou-me para aspectos que já eram alvo da minha preocupação, mas, no momento de análise da ficha, senti-me capaz de “desfiar” estes aspectos, dar-lhes um nome e encará-los, um por um, como um ponto que, se devidamente unido aos outros, seria capaz de me ajudar a proporcionar uma aula bastante melhor para os meus alunos. Sendo eu uma pessoa de natureza introspectiva, exigente comigo mesma e com o meu desempenho, sentia ainda muita necessidade de me dotar de uma linguagem mais adequada a este contexto e de meios que me permitissem evoluir nos meus níveis de reflexividade e auto-regulação. A ficha abriu-me também os olhos para a diversidade de aspectos a ter em conta na auto-observação sem, no entanto, os baralhar, pois

tem a virtude de ser sistematizadora. Ajuda, portanto, a perceber, na prática, os pontos que tenho a melhorar e consciencializa-me para a necessidade de ter sempre os alunos como primeiríssima preocupação. Em suma, tem sido um instrumento muito útil no meu trabalho e, juntamente com outros, tem-me ajudado a evoluir enquanto professora em processo de formação.” (E2: 17/01/2009)

Assim, após sensivelmente dois ciclos de supervisão (regência 1 e 2), a análise da evidência recolhida, em especial ao nível do discurso escrito das estagiárias, atesta da validação da estratégia formativa enquanto promotora da transformação da acção das estagiárias e da melhoria das práticas de ensino, no sentido do seu desenvolvimento profissional, com destaque para a ênfase da experiência como fonte de conhecimento, tal como reflectem nos seus portefólios de formação.

4. Conclusões⁷

Considerando a informação apresentada na secção anterior relativa à análise dos resultados da experiência, considera-se que, até ao momento, foram cumpridos grande parte dos objectivos traçados, sendo eles 1) potenciar aprendizagens e técnicas de observação, mais propriamente de auto-observação de forma a melhor compreender e interpretar as práticas pedagógicas, 2) promover o desenvolvimento de uma linguagem profissional/ metalinguagem, bem como 3) impulsionar um posicionamento crítico e emancipatório face ao processo de formação.

Em relação ao primeiro objectivo, apresentaram-se algumas evidências no discurso escrito das estagiárias de resultados positivos, uma vez que todas são unânimes em considerar como vantajoso o recurso sistemático ao instrumento de auto-observação. A triangulação destes dados com os registos/comentários da supervisora⁸ decorrentes da observação de aulas permite confirmar melhoria rápida ao nível da análise e interpretação de informação inerente à acção pedagógica dos sujeitos da observação e/ ou dos seus pares. Em consequência, e considerando o objectivo dois, é possível registar evolução nas práticas educativas pelo questionamento das mesmas apoiado no conhecimento teórico, mas também no processo de apropriação desse mesmo discurso público ou investigativo à acção.

Quanto ao objectivo três, recorda-se o que Alarcão (Vieira, 1993b: 12) refere sobre o papel da reflexão na promoção de atitudes de crítica e de investigação (op.cit: 15), no contexto da formação dos professores. De facto, a adopção de um modelo reflexivo na formação das

⁷ Ainda que na experiência tivessem participado, indirectamente, as supervisoras da escola e da UM, permitindo triangular diferentes registos de todos os intervenientes, esta análise de dados centra-se nos registos reflexivos das estagiárias, por questões inerentes à natureza e tempo da experiência.

⁸ Tais registos foram também triangulados com os da supervisora da Universidade nas aulas por si assistidas.

estagiárias pareceu envolver a legitimação da sua autonomia epistemológica, subentendendo a valorização da construção do saber pelas estagiárias a partir da reflexão sobre a prática (Vieira: 1993b: 23).

Esta breve experiência de supervisão, assente na aplicação de um instrumento de auto-observação de aulas e na reflexão *sobre a acção* daí decorrente, envolveu a reflexão, a sistematicidade e a intervenção e pretendeu ser colaborativa, emancipatória e auto-avaliativa. Procurou-se que a reflexão promovesse mudanças nas teorias e, especialmente, nas práticas das estagiárias, pelo processo de questionamento sistemático da prática, como se comprovou pela análise dos textos reflexivos nos momentos pós-activos. É de realçar que se verificou a triangulação de dados decorrentes da observação por diferentes observadores, desde os pares às supervisoras do núcleo de Inglês. Além disso, esta experiência emergiu e focalizou-se nas necessidades e teorias pessoais das estagiárias, e envolveu a reflexão e a experimentação, tentando integrar a teoria e a prática.

Recuperando as questões de investigação que guiaram o estudo, pode-se concluir que existem evidências de evolução no discurso das estagiárias, não apenas em termos da apropriação de conceitos e de metalinguagem ao contexto da supervisão, mas principalmente ao nível da apropriação de parâmetros e critérios inerentes à acção pedagógica. Para além dos resultados visíveis nos níveis de reflexão *para e sobre a acção*, enfatiza-se as suas consequências em termos de reflexão *para a acção* e integração do conhecimento na prática, possibilitando o seu desenvolvimento profissional.

No entanto, ressalva-se a averiguação de diferentes ritmos de apropriação dos conceitos e de evolução manifestados pelas estagiárias. Salva-se, ainda, o facto de não se incluírem mais evidências de evolução, pois o relato da experiência abarca apenas os registos escritos das estagiárias, ainda que o recurso ao instrumento de auto-observação tenha sido amiúde validado oralmente pelas mesmas .

Em termos de profundidade e alcance da experiência, recorda-se que o plano de formação das estagiárias pressupõe a concretização de objectivos mais vastos, pelo que se assume o carácter muito limitador e problemático da articulação das múltiplas solicitações daí decorrentes. Resumidamente, crê-se que o número restrito de participantes na experiência, associado aos limites temporais, abreviou a sua perspectiva holística e resultou num processo de co-construção de sentidos (inter)subjectivos mais limitado. No entanto, a realização deste tipo de experiências permite a aperfeiçoar os processos de supervisão, com benefícios axiomáticos para os intervenientes.

Bibliografia

MOREIRA, M. A. , DURÃES, C & SILVA , E (2006). “No caleidoscópico da supervisão”. In Flávia Vieira; M^a Alfredo Moreira; Isabel Barbosa; Madalena Paiva & Isabel Sandra Fernandes. No Caleidoscópico da Supervisão: Imagens da Formação e da Pedagogia. Mangualde: Edições Pedago, pp.7-14.

VIEIRA, Flávia. (1993a). “Observação e supervisão de professores.” In F. Sequeira (org.). Dimensões da Educação em Língua Estrangeira. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho, pp.69-90.

VIEIRA, Flávia (1993b). Supervisão – Uma Prática Reflexiva de Formação de Professores. Rio Tinto: Edições Asa.

VIEIRA, Flávia (2006). “No caleidoscópico da supervisão”. In Flávia Vieira; M^a Alfredo Moreira; Isabel Barbosa; Madalena Paiva & Isabel Sandra Fernandes. No Caleidoscópico da Supervisão: Imagens da Formação e da Pedagogia. Mangualde: Edições Pedago, pp.7-14.

WAJNTYB, Ruth (1992). Classroom Observation Tasks: A Resource Book for Language Teachers and Trainers. Glasgow: Cambridge University Press.

Anexo 1

BIBLIOTECA ESCOLAR:

U.M. – Estágio Integrado (Flávia Vieira)

GESTÃO DA TURMA: AUTO-OBSERVAÇÃO

Usa o questionário seguinte para auto-observação (existe outra versão semelhante para a observação dos/as colegas). Ao longo de 3 observações (tuas e dos/as colegas), verifica a tua evolução. Regista os principais aspectos em que ela se verificou e faz uma reflexão sobre a utilidade deste instrumento.

Escala: √ – De uma maneira geral, sim / X – De uma maneira geral, não / ? – Um(s) vez(es) sim, outras vez(es) não (se o aspecto não é relevante na aula em análise, assinala NA: Não Aplicável)

PROFESSOR/A : _____ DATAS: _____

—	—	—	Contacto visual/ atenção 1. Certifiquei-me de que os alunos estavam atentos no início de cada passo da aula? 2. Mantive contacto visual com toda a turma sempre que possível? 3. Mantive-me afastado/a dos alunos que falaram de modo a manter a atenção da turma?
—	—	—	Instruções 4. As instruções (orais e escritas) foram simples e curtas? 5. Incluíram a informação essencial (quem faz o quê, quando, como, porquê?)? 6. Foram dadas/ lidas após a entrega do material correspondente? 7. Verifiquei a sua compreensão antes dos alunos iniciarem a tarefa? 8. Usei estratégias de clarificação (reformulação, gesto, exemplos, uso da LM, recurso aos alunos que compreenderam...)?
—	—	—	Envolvimento dos alunos nas tarefas 9. Evitei exposições longas? 10. Diversifiquei os papéis/ tarefas dos alunos ao longo da aula? 11. Diversifiquei as formas de interacção na turma (P-T, P-A, A-A, A-P, A-T)? 12. Procurei envolver/ solicitar o máximo número de alunos? 13. O tempo de resposta às perguntas/ tarefas foi ajustado? 14. Monitorizei as tarefas individuais/ de par/ grupo (individualmente ou com a ajuda das colegas)? 15. Alarguei dúvidas particulares à turma? 16. Solicitei/ responsabilizei/ envolvi os alunos "problemáticos", desatentos...? 17. Na fase de verificação das tarefas, solicitei/ encorajei a apresentação de dúvidas/dificuldades? 18. Solicitei a participação dos alunos na resolução de dúvidas/dificuldades dos colegas?
—	—	—	Uso da língua 19. A linguagem que usei foi inteligível para os alunos? 20. Falei a um ritmo nem demasiado lento nem demasiado apressado? 21. Reformulei as questões/ explicações quando necessário? 22. Recorri à LM quando necessário (por ex., em exposições gramaticais)? 23. Encorajei os alunos a usar o Inglês? 24. Encorajei os alunos a produzir frases completas? 25. Os registos do quadro/ em acetato foram claros e organizados?
			Outros aspectos observados

ASPECTOS ONDE HOUVE EVOLUÇÃO (nº):

**Anexar registo de reflexão pessoal sobre a utilidade deste instrumento